

ASPECTOS PRÁTICOS E SIMBÓLICOS DA RECUPERAÇÃO AMBIENTAL REALIZADA PELOS MBYÁ-GUARANI EM SEUS PROCESSOS DE RETOMADA TERRITORIAL

Mártin César Tempass
potz_51@yahoo.com.br
Doutor em Antropologia Social - FURG

Resumo: Em um contexto de extrema morosidade no processo de identificação e delimitação de Terras Indígenas, muitos coletivos do grupo indígena Mbyá-Guarani são forçados a viver em espaços pouco ou nada condizentes com o seu sistema cultural. Assim, hoje grande parte dos Mbyá-Guarani do Rio Grande do Sul, que deveria estar habitando matas ricas em biodiversidade, se encontra confinada em beiras de estradas ou em aldeias minúsculas, sem as condições necessárias para a sua sobrevivência física e cultural. Os Mbyá-Guarani têm lutado muito para modificar esse quadro que lhes é completamente desfavorável, mas, paradoxalmente, também buscam, nos processos de retomada territorial, áreas completamente degradadas em termos ambientais e/ou ocupadas por monoculturas, como a de eucalipto. E apontam tais terras como necessárias para o seu modo de ser. Discutir essa aparente incongruência é o principal objetivo do trabalho aqui proposto. Ocorre que, mesmo nessas condições inóspitas, os Mbyá-Guarani realizam o manejo ambiental e recuperam ambientalmente as áreas que ocupam. Tal manejo, que tem se mostrado muito eficaz, é conduzido segundo os preceitos sócio-cosmológicos do grupo e constitui o próprio jeito de ser Mbyá-Guarani. Posto isso, dentro da presente proposição também pretendo, com base em pesquisas etnográficas realizadas entre 2008 e 2017 em várias aldeias do Rio Grande do Sul, analisar a concepção dos Mbyá-Guarani sobre os ambientes que eles habitam e os que eles idealmente deveriam habitar. Justaposto a isso, será necessário detalhar os aspectos sócio-cosmológicos acionados para o manejo ambiental e a recuperação das áreas ocupadas, bem como discutir as implicações práticas e simbólicas da implementação de tais estratégias para a sua reprodução física e cultural.

Palavras-chave: Mbyá-Guarani; recuperação ambiental; retomada territorial.

Así, para los guaraní, la tierra tiene las facultades de los humanos. Es como un cuerpo murmurante que se alarga, se entiende, ve, oye, siente, y es adornada: ¡Es viva! (Chamorro 2004: 169).

Os Mbyá-Guarani são uma das três parcialidades étnicas dos Guarani presentes no Brasil. Suas aldeias (*tekoá*) são localizadas em um vasto território que compreende significativas parcelas da Argentina, Paraguai e Uruguai, além do Brasil. Mas, deste vasto território, os Mbyá-Guarani ocupam (ou gostariam de ocupar) apenas as porções de terra que apresentam as características ambientais e simbólicas necessárias para a sobrevivência física e cultural do grupo. Em sua grande maioria, estes espaços, tidos como “lugares eleitos”, se localizam na Mata Atlântica (Ladeira; Matta 2004), ou onde antes existia a Mata Atlântica¹.

Então, a vida dos Mbyá-Guarani é no mato. Suas habitações são erguidas no meio do mato. A subsistência do grupo é obtida no mato. Nele são desenvolvidas as atividades de caça e coleta. Dentro dele que correm os rios e riachos que propiciam a pesca. E, para a atividade de horticultura tradicional, as roças dos Mbyá-Guarani também são cultivadas dentro do mato, no sistema de coivara, que, resumidamente, consiste na derrubada e posterior queima de uma parcela da vegetação para a abertura de novos roçados. Esse roçado é utilizado por três ou quatro anos, até que o solo se esgote e se torne necessária a abertura de uma nova roça.

É por isso que para Bartomeu Melià (1993) as aldeias (*tekoá*) Guarani se caracterizam como um complexo de casas-roças-matas². Destaco que estes três tipos de espaços não são estanques, mas sim interdependentes entre si, tanto física quanto simbolicamente. Os Mbyá-Guarani dependem do mato e das suas roças para sobreviver. E, de igual forma, as espécies tradicionais do grupo, que são cultivadas nos roçados,

¹ É interessante destacar que a formação ambiental que conhecemos como Mata Atlântica não ocorre unicamente no litoral brasileiro. Ela também está presente em consideráveis porções da Argentina, do Uruguai e do Paraguai. Porém, nesses países ela é conhecida como “Selva Paranaense” (Enriz 2010). Trata-se da floresta mais biodiversa do continente, com cerca de mil e quinhentas espécies de mamíferos, quinhentas de aves e trezentas de peixes. Estima-se que noventa e dois por cento da sua área original já tenha sido destruída pelo avanço da sociedade envolvente.

² É importante notar que, além das casas, roças e matas, as “águas” também são condição fundamental para a caracterização e viabilização de uma *tekoá*. Logo, a localização de uma *tekoá* também é definida pela presença de fontes ou cursos d’água (Tempass 2012).

precisam do mato para sobreviverem. E essa necessidade se dá em termos práticos e simbólicos.

No que tange aos aspectos práticos, a abertura da roça dentro do mato visa a criação de um ambiente favorável para o cultivo das variedades tradicionais, sem erosão, sem perda de matéria orgânica e com a garantia de umidade suficiente no solo, posto que o lençol freático é protegido pelas espécies florísticas (Feijó *et al* 2014). Dizem os Mbyá-Guarani que esse modelo de cultivo vem sendo praticado rigorosamente do mesmo modo desde tempos imemoriais. Desde que as divindades criaram as espécies alimentares e ensinaram como os Mbyá-Guarani deveriam cultivá-las. E a antiguidade deste sistema pode ser observada no relato de um dos primeiros jesuítas que esteve em contato com os grupos Guarani:

Habían... (los indios) dado principio a desmontar para las sementeras, que es la primera cosa que se hace en la fundación de cada una de las reducciones, porque no usan los indios sembrar en campo descubierto, por estar la tierra más gastada, y así no se logran las sementeras, pero como en los montes está la tierra defendida por los árboles, que son muy coposos, se conserva más húmeda, y pingüe, y vuelve muy colmados frutos. Para esto pues arrasan gran pedazo de monte conforme al número de familias, a cada una de las cuales se les señala distinto pedazo para sus sembrados, y después de cinco o seis años la dejan por cansada e inútil y desmontan de nuevo otro tanto, por lo cual es necesario que donde se funda algún pueblo, haya muchos montes cercanos (Blanco apud Melià 1993: 148-149).

Os Mbyá-Guarani, em sua horticultura tradicional, também praticam o consorciamento entre os seus diversos cultivares. Plantas diferentes são cultivadas em um mesmo espaço, de forma intercalada, sem qualquer rigidez na disposição das plantas. Esse modelo, largamente conhecido nas terras baixas da América do Sul como “*conuco*”, é praticado desde antes da chegada dos “descobridores” e contribui para a diversidade de flora e fauna, diminui os riscos de perdas e minimiza os ataques de insetos, fungos e bactérias (Feijó *et al* 2014). O interessante é que para os Mbyá-Guarani o mato faz parte desse consorciamento. Ele também é um componente do roçado, cercando-o.

A adoção dessa forma de cultivo também atende a necessidades simbólicas, regidas pela cosmologia do grupo, que visam propiciar alegria e felicidade para as plantas. Para crescerem as plantas precisam se sentir felizes. E para obter a felicidade elas precisam estar em contato, interagindo e colaborando com outras plantas e com os demais seres do cosmos. O mato que cerca a roça proporciona esse contato.

Meus interlocutores contam que o mundo atual foi criado pelas divindades unicamente para os Mbyá-Guarani viverem e passarem por uma espécie de prova. Os indivíduos que se saírem bem na provação que é viver neste mundo se tornarão divindades. E, ao criarem este mundo, os deuses o muniram com áreas ricas em biodiversidade para o uso dos Mbyá-Guarani.

Mas, na atualidade está faltando mato na maioria das aldeias Mbyá-Guarani – e em algumas tem faltado inclusive a aldeia. Depois de séculos sendo perseguidos, escravizados, estigmatizados ou mortos pelos colonizadores, os poucos indígenas que sobreviveram a este processo acabaram perdendo a posse dos seus “lugares eleitos”, que reúnem as condições necessárias para o estabelecimento das suas *tekoá*. Esse quadro continua ocorrendo no presente, sendo que muitos indígenas continuam sendo expulsos de suas terras tradicionais em função do avanço das frentes de expansão nacional. E, mesmo com o direito às suas terras garantido pela Constituição vigente, os Mbyá-Guarani, na maioria dos casos, continuam sem ter acesso às suas terras devido à morosidade do Estado em fazer cumprir a legislação.

Assim, a grande maioria das terras indígenas Mbyá-Guarani ainda nem foi identificada e delimitada pelo órgão competente. Algumas estão em processo de identificação e delimitação, mas estes processos costumam se arrastar por décadas e nem sempre o desfecho é o ideal para os indígenas. É em decorrência desse fato que muitos Mbyá-Guarani moram em terras minúsculas e/ou nas margens das rodovias que cortam as suas terras tradicionais.

A falta de terras, e conseqüentemente falta de matos, é a principal queixa dos Mbyá-Guarani frente à sociedade envolvente. É que a falta de mato implica numa série de problemas, inclusive quadros de escassez e fome. A ausência ou a insuficiência de mato também dificulta – e muito – que os Mbyá-Guarani atinjam o seu principal objetivo nesta terra, que é a construção da pessoa em direção à perfeição do ser, à plenitude, à perfeição (*agüyje*), que possibilita a estes indivíduos se tornarem deuses. O *agüyje* é alcançado mediante o respeito a uma série de regras, principalmente as regras alimentares. E, se não podem obter os seus alimentos de forma tradicional, também não conseguem trabalhar os seus corpos e alma em direção à perfeição (Tempass 2012).

Com o apoio de Igrejas e outras instituições, os Mbyá-Guarani vem pressionando os setores do governo pela identificação e delimitação das suas terras. Essa

pressão não tem surtido muito efeito, mas alguns grupos técnicos já foram constituídos pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) para atender essa demanda dos indígenas. Entre os anos de 2008 e 2010, eu tive a oportunidade de compor um destes Grupos Técnicos (GT), como antropólogo colaborador, para a identificação e delimitação das Terras Indígenas Mbyá-Guarani³ de Itapuã, Morro do Coco e Ponta da Formiga. Foi um trabalho exaustivo. Talvez tenhamos percorrido centenas de quilômetros caminhando com os Mbyá-Guarani por matos que eles reivindicam como seus. As áreas em questão estão inseridas em um território que foi habitado pelos Mbyá-Guarani até a década de setenta do século passado. Nas caminhadas encontramos as antigas aldeias e conseguimos reunir uma gama enorme de dados que caracterizam a terra como Mbyá-Guarani. E os indígenas consideraram os matos percorridos (nas três áreas) como ideais para a sua reprodução física e cultural.

Porém, nesse processo os Mbyá-Guarani, surpreendentemente, além das áreas de mato, reivindicaram também alguns trechos consideráveis de campo e de monocultura de eucalipto. Isso ocorreu para as três áreas em estudo. A relação do Mbyá-Guarani com o mato já era bastante conhecida e fartamente relatada na bibliografia etnológica. Mas, a relação deles com os campos e áreas consideradas ambientalmente pobres constituiu uma novidade para nós naquele momento. Isso inicialmente nos parecia inconcebível, pois não se enquadrava nos preceitos cosmológicos do grupo da forma que até então conhecíamos.

João Pacheco de Oliveira (1994) já havia alertado que os indígenas podem modificar as suas reivindicações em função de mudanças no contexto.

Na linha de raciocínio aqui apresentada não faz sentido julgar que um laudo judicial possa estabelecer com exatidão e de uma vez por todas qual é o território de um povo indígena. As propostas dos próprios índios mudam porque também se alteram os interesses, as ideologias e as conjunturas. Ou seja, as práticas e as representações de um povo indígena sobre o território (isto

³ Em algumas aldeias próximas às áreas de estudo, os Mbyá-Guarani dividem o seu espaço, vivem junto com alguns Xiripá ou Nandevá. A portaria de instauração do grupo técnico expedida pela FUNAI e Ministério da Justiça deixa bem claro que os estudos são para a identificação e delimitação das Terras Indígenas **Mbyá-Guarani**. Mas, é interessante notar que os Xiripá contribuíram enormemente para a realização das pesquisas, participando de praticamente todas as atividades, como se a diferenciação das duas parcialidades étnicas em nada importasse. Para algumas coisas eles se diferenciam, mas para outras, como o caso das terras, eles dizem que o que importa é que são todos Guarani. Isso mostra que os arranjos e relações sob o nome Guarani não se prestam ao enquadramento rígido em meia dúzia de padrões criados pelos brancos. Como bem observou Jorge Eremites de Oliveira, “o termo Guarani não corresponde a um único e grande povo indígena monolítico e fossilizado no tempo e no espaço” (Eremites de Oliveira 2006: 34).

é, sobre o que alguns chamam de territorialidade) não podem ser avaliadas senão dentro de um preciso contexto situacional.

Ainda que fosse possível estabelecer qual o território ocupado por um povo indígena há centenas de anos atrás, isso não significa necessariamente que esse seja o território reivindicado pelos membros atuais. Só a pesquisa antropológica poderá dizer como o território é pensado pelo próprio grupo étnico no momento presente. Colhidos pelas frentes de expansão, os povos indígenas frequentemente foram deslocados centenas de quilômetros das áreas que habitavam anteriormente, passando por processos de reterritorialização em missões religiosas, fazendas, cidades, seringais, etc. Como fazer para definir o seu território se persistirmos em pensar as terras indígenas como imemoriais, pretendendo dar realidade ao mito da primitividade? (Pacheco de Oliveira 1994: 83).

Então, diante desse alargamento da noção êmica de terra tradicional, abarcando também os campos e áreas de monocultura, busquei compreender as razões para esses novos tipos de reivindicações. O argumento usado para reivindicar as áreas de campo é bastante diferente do argumento utilizado para a reivindicação das áreas ambientalmente degradadas (que seriam as áreas de monocultura de eucalipto). Mas, para ambos os casos, os Mbyá-Guarani afirmam que os argumentos sempre existiram, só que os “brancos” (provavelmente os antropólogos que trabalharam com eles anteriormente) não os haviam percebido ou talvez tenham percebido, mas sem lhes atribuir a devida importância. Talvez a forte rotulação de que os Guarani vivem no mato tenha ofuscado o fato de que os campos e as áreas sem matas nativas também são importantes para estes indígenas.

É bastante conhecida a narrativa que conta que as divindades Mbyá-Guarani estabeleceram que os brancos deveriam viver nos campos, enquanto que os Mbyá-Guarani deveriam habitar os matos. Mas, alguns autores, como Zanardini e Biedermann (2006), falam de um pacto firmado entre índios e brancos repartindo as terras. Segundo esses autores, logo depois da chegada dos colonizadores os Guarani não concordaram com alguns comportamentos dos invasores e, após alguns conflitos, decidiram viver em espaços separados: o branco nos campos e os Guarani nos matos. Em campo eu também já ouvi algumas histórias muito parecidas, com fortes dramatizações e inclusive um tom de deboche. Segundo o que me contaram, tanto os campos quanto os matos pertenciam aos Mbyá-Guarani. Mas, aí chegaram os brancos, que eram bem “burros e pobres”, e despertaram o sentimento de pena por parte dos indígenas. Os Guarani, com dó dos brancos, decidiram deixar os brancos morar nos campos, para que não morressem. Só que

os brancos se revelaram pessoas ingratas que, além de se apossar dos campos, também se apossaram das matas, expulsando os Guarani.

Independente das variações na forma de contar essa história, o fato é que os Mbyá-Guarani afirmam (agora com mais veemência) que os campos foram criados pelas suas divindades e são importantes para a sua sobrevivência física e cultural, sendo importantes também para o cumprimento do seu destino neste mundo, que é atingirem a perfeição e se tornarem deuses. Essa informação, embora tenha sido negligência pelos antropólogos, já era apresentada por León Cadogan (1997), nos textos míticos coletados entre os Mbyá-Guarani do Guairá.

9. Cuando Nuestro Padre hizo la tierra, he aquí que era todo bosques: campos no había, dicen. Por este motivo, y para que trabajase en la formación de praderas, envió al saltamontes verde. En donde el saltamontes clavó originariamente su extremidad inferior se engendraron matas de pasto: solamente entonces aparecieron las praderas. El saltamontes celebró con sus chirridos la aparición de los campos. El saltamontes originario está en las afueras del paraíso de Nuestro Padre: el que queda ahora no es más que una imagen suya.

10. En cuanto aparecieron los campos, el primero en entonar en ellos su canto, el primero en celebrar su aparición, fue la perdiz colorada que por primera vez entonó sus cantos en las praderas, está ahora en las afueras del Paraíso de Nuestro Padre: la que existe en la morada terrenal no es más que su imagen (Cadogan 1997: 51-53).

Os campos entram como mais um elemento no esquema de reciprocidade que congrega todos os seres do cosmos e constituem uma opção de alteridade e/ou de abrigo de alteridades que são importantes para os Mbyá-Guarani se construírem como pessoas. Voltarei a esse ponto mais adiante, após tratar do interesse dos Mbyá-Guarani em áreas degradadas.

Ocorre que os Mbyá-Guarani conseguem facilmente recuperar as áreas degradadas. Eles têm o conhecimento técnico para efetuar o reflorestamento. Afirmam conhecer os desejos e as necessidades de cada diferente planta. E, principalmente, a presença deles na área já favorece o surgimento/plantio da vegetação, pois eles possuem uma relação espiritual com a terra que permite uma espécie de mediação com os espíritos das plantas. Como já apontado na epígrafe, para os Guarani a terra tem as mesmas faculdades dos humanos. Ela está em relação social com os demais seres. Ela fala, vê, ouve, sente e se adorna. Ela é viva (Chamorro 2004). Acrescento, de acordo com as

informações que obtive em campo, que a terra se alegra e também se entristece. Só com a alegria da terra é que ela poderá abrigar satisfatoriamente os demais seres do cosmos.

Mas, cabe destacar que não é qualquer área degradada que interessa aos Mbyá-Guarani. Só lhes são importantes determinadas áreas com solos bem específicos, cujas características físicas e espirituais se enquadram nas necessidades do grupo. São os solos sagrados. Solos que anteriormente já eram ocupados pelos Mbyá-Guarani e que, no passado, eram perfeitamente florestadas.

Muitas experiências comprovam essa capacidade de recuperação ambiental dos Mbyá-Guarani. Isso, por exemplo, foi verificado na aldeia Cantagalo (Porto Alegre/Viamão – RS) e documentado no vídeo “Ñandé va’e kue meme’~i: os seres da mata e sua vida como pessoas”, de Rafael Devos. No vídeo, entre várias tomadas que focam o mato da aldeia, o Mbyá-Guarani Vherá Poty declara o seguinte:

Porque eu lembro que eles mesmo [os avós] contavam pra nós... Até ontem ainda... Que essa área aqui era campo e tudo mais, né?... Não tinha muita, muita mata, há muitos tempos atrás. Mas, que aí com a presença dos Guarani aqui essa área foi crescendo, crescendo tanto, que hoje é mata, né? (Vherá Poty Benites Da Silva in Devos, sem data, 02:21-02:55).

Ao estudar a horticultura Mbyá-Guarani, com foco na reprodução das suas plantas tradicionais, Feijó, Antunes e Pereira (2014) observaram, na aldeia da Estiva (Viamão – RS), que para plantar alimentos também é preciso plantar mato. Porque, como já observado, é dentro do mato que podem ser abertos os roçados. Os Mbyá-Guarani

(...) têm (re)constituído o ambiente com espécies nativas [...] nos seus espaços vividos para que possam também (dentre outros motivos do coletivo) cultivar as espécies tradicionais e crioulas associadas àquelas plantas, conforme os ensinamentos dos xeramói (mais velhos/avós) (Feijó *et al* 2014: 7).

Na aldeia de Itapuã (*Tekoá Pindó Mirim* – Viamão – RS), onde pude realizar um longo trabalho de campo, acompanhei esse processo de recuperação ambiental. Depois de um longo período, os Mbyá-Guarani voltaram a ter acesso àquela região no início dos anos 2000, quando a prefeitura de Viamão cedeu uma área de cerca de vinte e cinco hectares para algumas famílias se instalarem. Porém, esse espaço estava ocupado pela monocultura de eucalipto. E, curiosamente, essa área degradada é rodeada por matas perfeitas para a vivência Mbyá-Guarani, inclusive pelo Parque Estadual de Itapuã, que

era habitado pelos Mbyá-Guarani até a década de setenta, e de onde estes indígenas foram expulsos em função da criação do parque. Só que, mesmo morando ao lado, os Mbyá-Guarani estão proibidos de ingressar na área do parque.

No ano de 2004, quando iniciei o trabalho de campo na aldeia, os Mbyá-Guarani já haviam removido praticamente todos os eucaliptos e lutavam para evitar o “rebrote” dessas plantas. Outras espécies vegetais praticamente inexisteram na área. Então, liderados pelo então cacique Turíbio, os Mbyá-Guarani começaram a plantar algumas árvores perto de suas casas. Essas árvores eram estratégicas, porque elas deveriam preparar o ambiente para possibilitar o “surgimento” do mato. Primeiro eles percorreram as matas adjacentes e coletaram mudas de palmeira *pindó* (popularmente conhecida como jerivá) e as plantaram onde queriam recuperar a vegetação. Depois conseguiram algumas mudas de cedro. O cedro foi muito importante nesse processo (como veremos a seguir), pois permitiu que depois fossem inseridas uma série de outras plantas, como jabuticaba, abacate, figo, erva-mate, araçá, goiaba, etc. Acompanhei durante anos esse processo de reflorestamento (até porque esse era um dos assuntos preferidos do Seu Turíbio) e atualmente o quadro é bem diferente. A aldeia está completamente transformada – agora tem mato. E os Mbyá-Guarani estão muito felizes e orgulhosos com o resultado.

Para tanto, foi fundamental respeitar a ordem correta de introdução das plantas. Primeiro devem ser plantadas as espécies mais ricas em fluído vital, necessário para todos os seres vivos. León Cadogan (1997) e Graciela Chamorro (2004) nos apresentam esse fluído como “*Jasuka*”⁴, o princípio ativo do universo. *Jasuka* seria a substância responsável pela criação e manutenção da vida. Manutenção de toda a forma de vida, a origem de tudo, inclusive do universo e dos deuses (Chamorro 2004). “En los relatos mbyá *Jasuka* es un fluido vital y está representado por humo y neblina, considerados fuente de la vida, las plantas, los panales de miel, los animales, las personas y los seres divinos” (Chamorro 2004: 132). Em outras palavras, *Jasuka* é a “madre universal” dos Guarani (Cadogan 1997).

O cedro e a *pindó* possuem, atraem e redistribuem muita *jasuka* para os demais seres do cosmos. Nas palavras de Graciela Chamorro,

⁴ Reproduzo aqui, para evitar maiores argumentações, a grafia da palavra “*Jasuka*” talqualmente como apresentada por Cadogan (1997) e Chamorro (2004). Mas, é importante destacar que na língua Guarani inexistente o som correspondente à letra “S”.

La simbología vegetal para *Jasuka* se extiende a otras especies. Entre los árboles los mbyá reverencian al cedro (*ygáry*) que, por destilar una savia, al inicio de la primavera, recibe el nombre de *Jasuka Venda* (lugar de *Jasuka*). [...]. El cedro, como es sabido, es considerado una especie generadora de los otros árboles, un árbol-madre. Se cuenta que, después del diluvio, sus semillas dieron origen a toda la diversidad de vegetales hoy conocida. La palmera “pindó” (*yva’y*) es otro ejemplo similar. El Ser Creador habría creado el mundo sobre cinco palmeras eternas, de las cuales una estaba metida en la fuente de *Jasuka*, Nuestra Verdadera Madre. Esta palmera habría sido el primer árbol que resurgió después del diluvio (Chamorro 2004: 131 – grifos no original).

Então, como não poderia deixar de ser, o cedro e a *pindó* possuem lugar de destaque dentre as plantas consideradas sagradas pelos Mbyá-Guarani. O cedro, apesar de toda a sua importância, é pouco acionado nos discursos dos Mbyá-Guarani. Podemos dizer que ele é mais discreto. Já a palmeira *pindó* é acionada em praticamente todos os discursos, constituindo inclusive um marcador identitário do grupo. Onde tem Mbyá-Guarani tem também muitas palmeiras *pindó*. Inclusive a presença dessas palmeiras tem sido usada pelos arqueólogos na localização de sítios arqueológicos.

Isso porque, independente da área estar ou não estar degradada, os Mbyá-Guarani realizam um constante manejo do ambiente. Deixando o seu território com as características que julgam importantes para a sua vivência em conformidade com os seus preceitos culturais. E essa constante configuração (ou reconfiguração) também visa agradar a terra e os seres que com ela interagem ou dela dependem. Principalmente aqueles trechos específicos de terra onde o solo apresenta as características físicas e espirituais desejados pelos Mbyá-Guarani.

Para os Mbyá-Guarani a terra tem alma, é viva. Eles mantêm relações de tipo social com a terra sobre a qual habitam, baseados na reciprocidade. Em retribuição a tudo o que a terra lhes proporciona, os Mbyá-Guarani devem cumprir uma série de preceitos sociais. Caso os seus comportamentos sociais não sejam adequados a terra pode se entristecer e romper os laços de reciprocidade com os Mbyá-Guarani. A terra pode adoecer e até morrer (seu espírito), o que também causaria doenças e mortes entre os Mbyá-Guarani.

E para que nessa relação a terra fique alegre, os Mbyá-Guarani realizam diferentes formas de manejos ambientais. Esses manejos podem ser pensados como formas de adornar a terra. A própria terra se adorna, mas também precisa ser adornada pelos Mbyá-Guarani. Sobre isso, Graciela Chamorro (2004), cruzando dados obtidos entre os Mbyá-Guarani, os Ñandevá e os Kaiowá, argumenta que os Guarani concebem

a vegetação “como una especie de piel o de bello del cuerpo de la tierra” (Chamorro 2004: 173). Então, adornar a terra é cobri-la de vegetação. A terra deve ser adornada como se adorna um corpo. E esse adorno não é supérfluo, mas sim essencial (Chamorro 2004). Acrescento que, da mesma forma que os Mbyá-Guarani constroem os seus corpos e suas almas em direção à perfeição, o ato de adornar a terra também significa trabalhá-la, física e espiritualmente, em direção à perfeição. Nesse sentido, adornar significaria amadurecer, evoluir. No cosmos Mbyá-Guarani ninguém faz nada sozinho. Qualquer coisa, para que aconteça, precisa necessariamente da colaboração de uma série diversa de seres. Muitas vezes essa colaboração é negociada ritualmente. Por exemplo, para obterem sucesso na caça os Mbyá-Guarani precisam do auxílio dos espíritos-donos (*já*) dos animais. Para cultivar os seus roçados é preciso a colaboração dos espíritos-donos (*já*) das plantas. E cada planta vai ter o seu próprio *já*. O mesmo vale para os animais, as terras, as pedras, as águas, os ventos, etc. Seguindo esse raciocínio, também a terra não faz nada sozinha. Ela precisa da colaboração dos outros seres, principalmente dos Mbyá-Guarani, para cumprir com o seu destino, para ser adornada e assim se tornar a terra perfeita.

Assim, na concepção Mbyá-Guarani não existe uma terra perfeita sem ser por eles habitada. Mas, existem muitas terras que apresentam potencial para se tornarem perfeitas, caso corretamente trabalhadas pelos Mbyá-Guarani e pelos demais seres. São essas terras que os Mbyá-Guarani procuram. E, mesmo estando ambientalmente degradadas, com atitudes colaborativas, é possível a recuperação dessas terras. É possível adorná-las. Nesse quadro cabe destacar a colaboração do espírito-dono da chuva. Como também observou Chamorro (2004), fazer chover significa adornar, fertilizar, fortalecer e batizar a terra. Significa fazer brotar as sementes.

Temos então que para os Mbyá-Guarani a terra é dinâmica. Essa é umas das conclusões deste trabalho e que julgo ser de suma importância para a justa condução dos processos de identificação e delimitação das terras desse grupo. Ao avaliarmos se uma determinada terra é adequada para as atividades produtivas, se é imprescindível à preservação dos recursos ambientais necessários para o seu bem-estar e/ou se ela é necessária a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições (conforme determina a Constituição de 1988, em seu artigo 231), não devemos nos ater a como a terra se encontra no presente momento, mas sim como ela poderá ficar após a ação dos Mbyá-Guarani.

Uma área de terra ambientalmente degradada que, no presente, claramente não atende as necessidades dos Mbyá-Guarani não implica necessariamente que ela não possa ser demarcada para este grupo. Tratam-se de áreas que no passado estavam de posse destes indígenas e que, por algum infortúnio, quase sempre provocados pela expansão da sociedade nacional, tiveram que ser abandonadas. Então, mesmo degradadas, essas áreas são terra indígena. A não demarcação destas terras seria uma premiação justamente a quem destruiu as terras, sendo os indígenas os únicos.

Contudo, é preciso deixar bem claro que não é qualquer terra que os Mbyá-Guarani se propõem a recuperar. Isso é preciso pontuar muito bem para evitar que determinados setores da sociedade “queiram dar qualquer pedacinho de terra devastada” para os Mbyá-Guarani sob a alegação de que essa terra poderá ser recuperada e configurada em conformidade com as necessidades do grupo. Não é nada disso. Bem pelo contrário, os Mbyá-Guarani não querem qualquer terra. Eles querem as terras deles, as terras tradicionais, como ocupadas no passado. Somente nessas terras é que faz sentido a recuperação ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Constituição. 1988. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Centro Gráfico.

CADOGAN, León. 1997. *Ayyu Rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá*. Asunción: CEADUC/CEPAG.

CHAMORRO, Graciela. 2004. *Teología Guaraní*. Quito: Ediciones Abya-Yala.

DEVOS, Rafael et al. Sem data. *Nhandé va'e kue meme'~i: os seres da mata e sua vida como pessoas*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre. DVD.

ENRIZ, Noelia. 2010. *Jeroky Poña: juegos, saberes y experiencias infantiles mbyá-guaraní en Misiones*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidad de Buenos Aires, 2010.

FEIJÓ, Cristiane; ANTUNES, Irajá Ferreira; PEREIRA, Gilson Laone. 2014. O manejo da agrobiodiversidade sob a perspectiva Mbyá-Guarani: um estudo de caso no litoral gaúcho. *Cadernos de Agroecologia*, 9(4): 1-10.

LADEIRA, Maria Inês; MATTA, Priscila. 2004. *Terras Guarani no Litoral: as matas que foram reveladas aos nossos antigos avós = Ka'agüy oreramói kuéry ojou rive vaekue ~y*. São Paulo: CTI.

MELIÀ, Bartomeu. 1993. *El guaraní conquistado y reducido: ensaios de etnohistoria*. Asunción: Universidad Católica.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. 1994. “Os instrumentos de bordo: expectativas e possibilidades do trabalho do antropólogo em laudos periciais”. In: SILVA, Orlando Sampaio; LUZ, Lídia; HEIM, Maria Cecília Vieira (Orgs.). *A perícia antropológica em processos judiciais*. Florianópolis: EDUFSC.

TEMPASS, Martín César. 2012. *A doce cosmologia Mbyá-Guarani: uma etnografia de saberes e sabores*. Curitiba: Appris.

ZANARDINI, José; BIEDERMANN, Walter. 2006. *Los indígenas del Paraguay*. Asunción: Itaipu Binacional.